

Tas acha que "silvioossantização" da TV vem aí

ANDRÉA FORNES

Editora-executiva da Rede Folha

Marcelo Tas está de mudança. Mudança de país: acaba de chegar dos States onde passou um ano. Mudança de endereço: vai trocar o Rio de Janeiro por São Paulo. Mudança de situação: vai ser pai em fevereiro.

As propostas de trabalho no Brasil estão chegando antes das coisas que Tas mandou dos Estados Unidos. Depois de concluir os estudos em TV, cinema e vídeo na Universidade Nova York —financiados por uma bolsa da Fundação Fullbright—, ele se prepara para novas jogadas. Em entrevista à Folha na última sexta-feira, Tas, 28, falou sobre essas propostas, de sua viagem aos EUA e ao Japão, onde ficou alguns dias na casa do amigo Hiromichi Tidano, e também sobre televisão. Para esse "image maker" —criou personagens como Ernesto Varela, BobMacJack e "Cabeça Branca"— a TV usa e abusa da linguagem telefônica (de "jogar conversa fora") e passa, tanto no Brasil como fora dele, por um processo de "silvioossantização".

Folha - Como foi o curso que você fez na Universidade Nova York?

Tas - Eu fiz a maioria dos meus cursos na área de história e análise, cursos teóricos e alguns de técnicas de vídeo, de linguagem, de equipamento, de edição de computação aplicada ao vídeo. Mas além de vídeo me meti também na área de revistas, jornais, impressão e edição gráfica. Foi bom estudar assim, para esquecer um pouco a coisa da necessidade de trabalhar sem parar, como eu estava fazendo antes. Eu nunca tinha feito curso nenhum da minha profissão.

Folha - E além do curso?

Tas - No começo fiz algumas coisas para a Globo porque ainda tinha uns dois meses de contrato, então fiz uma entrevista com a Tina Turner e encerramos.

Folha - Você não quis continuar trabalhando para a Rede Globo?

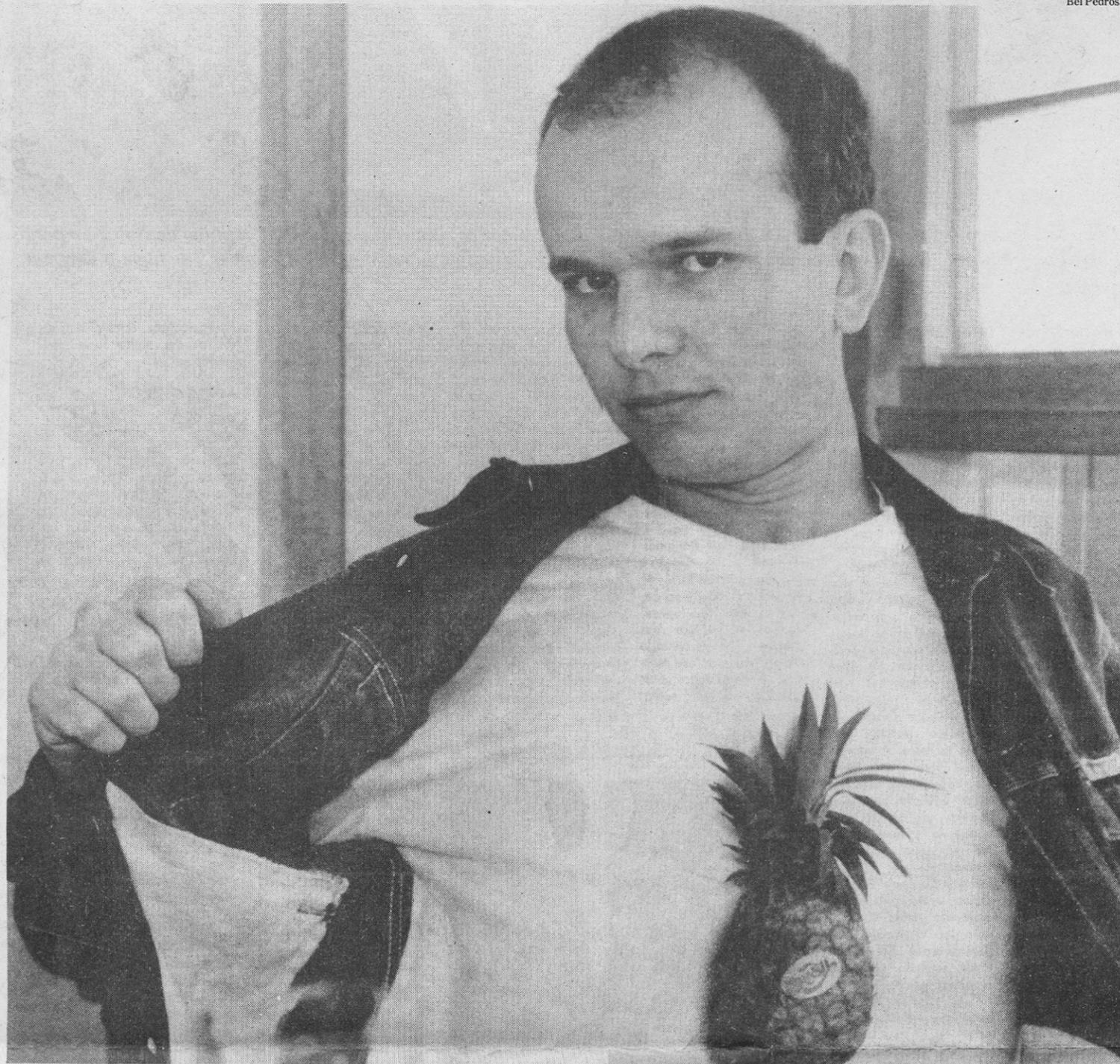
Tas - Me impedia, sabe? Dois fatores: o primeiro é que lá nos EUA eles só têm equipe de jornalismo. Eles não têm linha de shows, linha de produção de especiais. E a segunda coisa é que eu estava me dedicando aos meus afazeres escolares e não sobrava tempo. Eu fazia cursos teóricos sobre história do cinema americano. Eu tinha um professor, William K. Everson, que era genial. Tenho um plano agora para trazê-lo ao FestRio. Eu acho que foi um dos cursos que valeu esse um ano lá. O outro foi na área da parte técnica de vídeo que é voltado para a prática. Eu passava um dia da semana com o equipamento. Fiz experiências com linguagem. Não estou falando nada de alta tecnologia. São as mesmas ilhas e "switchers" das nossas TVs e produtoras, onde raramente dá para ficar brincando porque custa US\$ 300, US\$ 400 a hora. E lá eu tinha minhas oito horas de brincadeira por semana.

Folha - Como você enfrentou a overdose de TV?

Tas - A minha sorte foi que quando eu cheguei a Nova York não consegui um prédio que tivesse TV a cabo instalada. Demorou uns dois meses, o que deu para eu dar uma acalmada, porque são 36 canais e aquela famosa "giradilha" nos canais antes de dormir às vezes acabava às 3h da manhã.

Folha - O que mais chamava a atenção no meio de tantas possibilidades?

Tas - Na TV tradicional a cobertura



Tas, no restaurante Mariko em São Paulo, levanta a jaqueta e mostra a camiseta com a palavra Brasil estampada sobre um abacaxi

jornalística dos fatos. Eles são muito velozes e o uso do satélite lá já é uma coisa completamente indiscriminada. Qualquer programa de entrevistas ou variedades usa o satélite indiscriminadamente e de uma maneira bem casual. As entradas são ao vivo e os cortes dos satélites são imperceptíveis. E como se fosse uma conversa telefônica. Com telefone bom, é lógico.

Folha - O que você viu de melhor?

Tas - A melhor coisa da TV americana são os documentários. A maioria é feita na Inglaterra. Não os da BBC, mas de algumas produtoras independentes inglesas que são muito boas. Eu gosto muito de ver porcaria na televisão. Eu vejo TV de duas maneiras: vejo muita porcaria ou vejo coisas muito boas. O meio-termo é que não me prende. Eu gosto muito de ver o que as pessoas estão vendo. E lá, por exemplo, são cinco Hebes Camargos, cinco Gugus Liberatos, cinco Silvio Santos. É aquela linha de vamos jogar um pouco de conversa fora. Eu acho que a televisão tem um pouco desse papel, está cada vez mais chegando perto do telefone. Teve uma época em que eu achava que a TV estava chegando perto do rádio, mas ela está chegando perto do telefone.

Folha - Como é que fica a qualidade?

Tas - A TV tenta todos os dias salvar os telespectadores do diabo. A sorte é que ela não salva, porque se ela salvasse, no dia seguinte ela não teria ninguém assistindo. Antes de sair do Brasil, eu participei de um programa na TVE com o Rubens Furtado, que era o diretor-geral da Manchete. E uma das perguntas que eu fiz era se a Manchete estava se "silvioossantizando". E ele falou que na verdade as outras emissoras estavam se "manchetizando". A gente brincou com essas palavras e começou a discutir se a televisão brasileira estava nesse processo de "silvioossantização". E hoje eu posso ver que não só a brasileira, mas a televisão do mundo todo está ficando cada vez mais popular, nesse sentido que ela procura sempre a audiência mais larga. Ela procura sempre assuntos que fazem parte dessa conversa mole de cada dia.

Folha - O SBT está indo muito bem em audiência. Você tem acompanhado?

Tas - Tenho. Eu admiro muito Silvio Santos. Acho que ele é um dos melhores profissionais de TV que a gente tem. Não é à toa que ele está se dando bem.

Folha - Você não vai mais morar no Rio?

Tas - Eu morei no Rio temporariamente no ano passado por causa do trabalho no "Video Show". São Paulo sempre foi a minha base. Eu sempre morei aqui, então, praticamente eu estou voltando a São Paulo.

Folha - Você acha que trabalhar em São Paulo é muito mais fácil que no Rio?

Tas - Quando estou em São Paulo acho fácil ir para o Rio trabalhar. Se estou no Rio eu acho difícil vir para São Paulo. Em São Paulo me sinto mais móvel.

Folha - Quando você chegou ao Brasil?

Tas - Eu cheguei junto com os "clandestinos". Nos mesmos dias. Quando eu cheguei a minha humilde câmera [uma super VHS Panasonic] ficou presa no aeroporto. Veja, eu trabalho com vídeo há seis anos, não é? Comprei uma câmera, dessas amadoras de vídeo. Tinha todos os documentos, tudo certinho. Mas esse processo legal demora muito. Então, eu ia sempre ao aeroporto. Cada dia que chegava lá via um "clandestino" diferente chegando. É gozado você ver pessoas que foram presas porque foram para lá trabalhar.

Pessoas que fugiram para trabalhar, isso é muito estranho. Quando sai de lá todo mundo achava que eu estava louco de voltar.

Folha - Por que você voltou?

Tas - Voltei porque falo português e não acho morar no exterior essa maravilha que todos dizem. Acho que, às vezes, é até muito frustrante morar fora.

Folha - O que você faria se morasse nos Estados Unidos?

Tas - Nesse tempo que passei lá, por exemplo, participei de duas mostras importantes: a do PS-1, do Brazil Projects, e do Festival Internacional de Artes de Nova York. Quem trabalha com vídeo não precisa muito; não existe muito essa coisa de nacionalismo ou muita "infra". Mas eu acho que tenho espírito de bom escoteiro, o escoteiro que se afastou do seu grupo e agora voltou. E imediatamente já presta continência. No tempo em que estive em Nova York gravei 130 fitas de vídeo com imagens de TV, cinema, comerciais, documentários etc. Assim que essas fitas chegarem de navio pretendo organizar tudo e abrir para as pessoas. Não quero virar um professor, mas estou estudando uma maneira de passar tudo que aprendi. Folha - Qual o futuro do repórter

Ernesto Varela? Você pretende ressuscitá-lo?

Tas - Pode ser que eu tire do "freezer". Estou agora roteirizando um especial desse personagem. E guardei dinheiro suficiente para ficar três meses no desemprego, para me adaptar ao Brasil.

Folha - Em que área você pretende atuar daqui para frente: direção, elaboração de personagens, produção?

Tas - Eu já estou colaborando com o FestRio e também com o Video Brasil. Visitei a Video Scan que é a melhor galeria de videoarte de Tóquio. E eles têm um festival. Bem, o Japão é atualmente o país que mais produz vídeo. Já tenho uma troca assegurada entre essa galeria e os dois festivais brasileiros. No final do ano vamos ter vídeos que já foram premiados por essa galeria nos últimos dois festivais. E no ano que vem estou encarregado de fazer uma mostra brasileira em Tóquio. Ainda no Japão, gravei também com a minha câmera 12 horas de convivência e conversas com o Hiromichi Tidano, que estudou comigo em Nova York. Ele mora em Sendai, uma cidade no interior do Japão. Eu vivia brincando que Sendai era a Ituverava oriental.

Bel Pedrosa

TRÊS FACES DO HOMEM TV

Niels Andrea

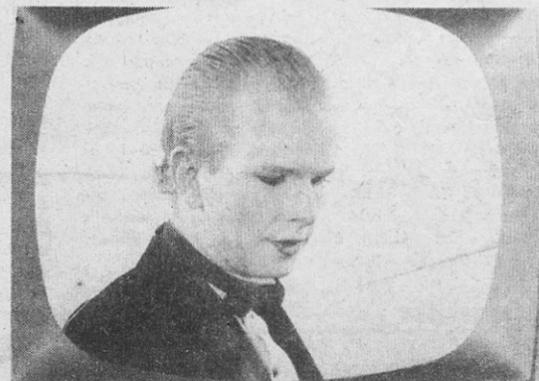


De 83 a 86, Ernesto Varela foi o repórter do insólito na Gazeta, Record, SBT e Manchete

Fotos Divulgação



Bob MacJack, apresentador de "Crig-Rá" (84 a 85), era uma colagem do besteiro das FMs



O clone de Max Headroom no "Video Show" em 87 foi apelidado de "Cabeça Branca"